

Nasce a superpetroquímica verde e amarela

Como foi a negociação que criou a oitava maior empresa petroquímica do mundo

No início de 2010, os presidentes da Petrobras, da Braskem e do Conselho de Administração da Odebrecht não conseguiram enforçar nenhum dos dois feriados do epicentro econômico financeiro do país. Passaram parte da manhã e da tarde explicando – primeiro a investidores e analistas de mercado e logo em seguida a jornalistas – uma operação negociada nos últimos oito meses, em exaustivas reuniões que invadiam madrugadas e finais de semana.

A história dos precursores da petroquímica brasileira chegara ao fim, de forma quase melancólica. Os herdeiros de Alberto Soares Sampaio tiveram que se curvar à implacável nova organização petroquímica mundial, dominada agora pelos beneficiários dos altos preços do petróleo e pelos fundos de private equity – não fosse assim, corriam o risco de ver sucumbir o negócio criado em junho de 2008 para ser a segunda maior petroquímica do Brasil.

As expectativas criadas em torno da Quattor foram rapidamente minadas pela crise econômica mundial. A venda foi a saída – um negócio que rendeu R\$ 700 milhões à holding Unipar e a oitava colocação no ranking das maiores fabricantes de resinas do mundo à Braskem. “Esse aumento de escala possibilita ser uma empresa global. Queremos que signifique aumento na capacidade de investimento”, explica José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras, que agora aumenta em pelo menos 10% sua fatia no bolo acionário da nova Braskem.

Decano da petroquímica nacional, Alberto Soares Sampaio criou a Unipar junto com Walter Moreira Salles a partir da Refinaria de Petróleo União. O primeiro pólo petroquímico do país, erguido vizinho à refinaria, era o maior patrimônio da Unipar. Por duas décadas foi comandada por Paulo Geyer, genro do fundador. Seus cinco filhos hoje dividem uma holding chamada Vila Velha, que detém 57% das ações da Unipar. Vera, Maria e Cecília não chegavam a um acordo com Alberto Geyer e Joanita sobre os rumos da empresa.

Na formação da Quattor, a Unipar juntou todos os seus ativos – que incluía a Polietilenos União, Unipar Química e participações na Rio Polímeros e PQU – com os ativos que a Petrobras adquirira da Suzano um ano antes. Para ficar com a maioria das ações com direito a voto, a Unipar teve ainda que aportar mais R\$ 380 milhões. Com menos de um ano de vida, a companhia atravessou uma crise global que derrubou a demanda por seus produtos e restringiu o crédito, e ainda viu seu plano de expansão atrasar. Diante de uma dívida de R\$ 6,5 bilhões, não restava muito a fazer.

As idéias foram surgindo em seguidas reuniões desde o primeiro semestre do ano passado. Ainda que fosse o desejo da Petrobras– sócia minoritária na Quattor – uma troca de ações com a Braskem dificilmente seria aprovada. A polêmica não estava restrita a insistência de um dos netos de Alberto Soares Sampaio – Alberto Geyer – em tentar impedir o negócio nos tribunais.

O problema era reatar uma antiga sociedade – a última experiência fora desfeita antes mesmo da criação da Braskem, quando a Unipar deu sua fatia na OPP Polietilenos em troca das ações que a Odebrecht possuía na holding. Por outro lado, uma aquisição pura e simples esbarrava num preço que a Braskem não conseguiria levantar sem multiplicar seu endividamento. Além disso, a Braskem nunca escondeu que sua prioridade era adquirir uma operação no mercado americano.

A solução foi montar uma engenharia financeira para aumentar o capital da Braskem. Odebrecht e Petrobras aportariam suas ações na holding BRK Investimentos Petroquímicos, e logo em seguida realizariam a capitalização – Odebrecht com R\$ 1 bilhão e Petrobras com R\$ 2,5 bilhões. Os outros acionistas podem acompanhar esse aumento de capital com um valor entre R\$ 1 bilhão e R\$ 1,5 bilhão em uma oferta privada.

Após essas duas etapas a Braskem recebe da Unipar as ações da Quattor. Pelo pacote, paga R\$ 647,3 milhões, assume os compromissos que a Unipar tem com o BNDESpar – estimada hoje em R\$ 170 milhões – e o endividamento acumulado pela Quattor, que será abatido com o dinheiro da capitalização. Finalmente a Braskem incorporaria a fatia da Quattor em mãos da Petrobras.

Na negociação ainda foram incluídas 100% das ações da Unipar Comercial e 33% da Polibutenos, pelas quais a Braskem vai pagar R\$ 52,7 milhões – a Unipar só não vendeu sua participação na Carbocloro.

Até lá, Petrobras e Odebrecht terão 120 dias para acertar todos os detalhes do novo acordo de acionistas. O presidente da Braskem, Bernardo Gradin, explica que a composição acionária final vai depender da resposta dos acionistas minoritários – que hoje detém 1/3 das ações. Gradin permanece à frente da Braskem, “a pedido da Petrobras”, frisa o diretor executivo da Odebrecht, Newton de Souza.

Na realidade, o acordo de acionistas prevê que o presidente seja indicado pela Odebrecht. É ele quem escolherá os seis diretores estatutários – sendo que o diretor financeiro deve surgir de uma lista de nomes apresentados pela própria Odebrecht e o diretor de investimentos e portfólio ser escolhido a partir de uma lista de indicações da Petrobras. A

Odebrecht terá ainda 50,1% do capital votante e seis dos onze assentos no Conselho de Administração – quatro cadeiras serão ocupadas por gente da Petrobras e uma por representante dos minoritários.

Se todos os minoritários exercerem seus direitos de preferência, a fatia da Odebrecht no capital total será de 34,5% e a Petrobras passará para 32% – se ninguém aderir, a Odebrecht manterá os 38,3% do total e a fatia da Petrobras subirá de 25,3% para 36%. Com um aporte de R\$ 270 milhões, o BNDES manteria sua participação de 5,3%. O preço de subscrição foi definido em R\$ 14,40 por ação, com base na cotação média dos papéis nos últimos pregões.

Processos de fusões e aquisições geralmente são cercados de otimismo – particularmente na aquisição da Ipiranga e na formação da Quattor, com uma boa dose de ufanismo. Dessa operação surge a maior petroquímica do continente americano – no ranking das maiores petroquímicas do mundo, a Braskem sobe quatro degraus – serão 26 unidades espalhadas por Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Alagoas, com capacidade para processar 5,5 milhões de toneladas de resinas por ano e um faturamento de R\$ 25,8 bilhões. Separadas, a receita bruta da Braskem, entre janeiro e setembro do ano passado, foi de R\$ 14 bilhões, enquanto a Quattor fechou os nove primeiros meses de 2009 com uma receita de R\$ 4,6 bilhões.

Gradin destaca que ainda é cedo para calcular o valor das sinergias. Apesar da supremacia no mercado interno, a Braskem não deve enfrentar dificuldades para ser aprovada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica – Cade. A produção brasileira ainda representa 4% da oferta mundial – e 20% das resinas aqui consumidas são importadas. “Não temos uma visão de petroquímica nacional ou regional, mas global”, finaliza Gabrielli.

Primeira operação internacional chega com aquisição nos EUA

Dez dias depois, Bernardo Gradin se reuniu novamente com investidores, analistas e jornalistas para anunciar o primeiro movimento de expansão da Braskem: a empresa fechou a compra da Sunoco Chemicals, marcando a entrada da companhia com uma operação no mercado norte-americano. Há um ano essa era a prioridade da empresa – que chegou a conversar com outros cinco potenciais alvos de aquisição. “Os EUA serão uma base importante na estratégia para a empresa que queremos criar até 2020”, explica o presidente da Braskem.

Mas a idéia da Petrobras é torná-la veículo de seus investimentos também no Brasil – para isso colocou em um acordo de associação a responsabilidade da Braskem sobre a parte petroquímica do Comperj e o Complexo Petroquímico de Suape. A preocupação da Braskem é que esses projetos não comprometam sua capacidade de crescimento no exterior. Somando os projetos já anunciados na Venezuela, Peru e México, o montante ultrapassa a casa dos US\$ 10 bilhões num horizonte de sete anos.

A aquisição da Sunoco Chemicals foi a primeira a ser viabilizada – não deve, no entanto, ser a única. A Braskem mantém conversações com as outras empresas, em busca de ativos que permitam ampliar a presença em solo americano. A depreciação dos ativos naquele mercado foi um grande estímulo à investida da Braskem. Por uma operação que engloba as três fábricas de polipropileno – no Texas, Pensilvânia e Virginia Ocidental – com capacidade total de 950 mil toneladas por ano, a Braskem pagará uma “bagatela” de US\$ 350 milhões. O negócio corresponde a 13% da capacidade instalada de polipropileno nos EUA, e assegura também um contrato de suprimento de propeno com cinco fornecedores – entre as quais a própria Sunoco.

No encerramento do Fórum Estratégico Empresarial México-Brasil, realizado no México, a Braskem e a Idesa assinaram com a estatal mexicana Pemex os contratos de investimento e de fornecimento de etano para a implantação de um projeto integrado no Estado de Veracruz, no qual investirão US\$ 2,5 bilhões. O projeto contempla a produção de um milhão de toneladas de polietilenos por ano, em três plantas de polimerização, com início de operação previsto para 2015.

Na Venezuela, em associação com a Pequiven, a Braskem desenvolve duas joint ventures orçadas em US\$ 4,5 bilhões: a Propilsur, para produzir 450 mil toneladas por ano de polipropileno, e a Polimérica, para um pólo integrado de 1,1 milhão de toneladas de polietileno. O projeto no Peru prevê a construção de um complexo integrado de polietilenos de 1,2 milhão de toneladas a partir de um investimento de US\$ 2,5 bilhões. Nos três casos, a atratividade está na fonte de matérias-primas competitivas. O direcionamento estratégico da Braskem já está desenhado: “ser a líder das Américas e tornar-se uma das cinco maiores petroquímicas do mundo”, destacou Gabrielli.